

PROJETO ÁGORA: REFLEXÃO E AÇÃO TRANSFORMADORA

Inspirado nas praças e locais de encontro da Grécia antiga, considerada o berço da democracia, em 07 de outubro de 2016 teve início as atividades do **Projeto Ágora: Reflexão e Ação Transformadora** nas dependências do campus A.C.Simões da Universidade Federal de Alagoas - mais especificamente no espaço em frente ao Restaurante Universitário -, trazendo como tema “A Conjuntura Atual da Educação”. Aberto com um pocket show da cantora Cristinne Seixas, às 17h40, a mesa - coordenada pelo professor Virgínio Gouveia - contou com os palestrantes professor Jorge Eduardo de Oliveira (ADUFAL) e com a estudante de Licenciatura em Química Jessica Bernardo, também militante da frente estudantil “Mudar as coisas nos interessa mais”. Tendo como subtemas a “Conjuntura atual da educação” e a “Educação em tempos antidemocráticos”, os palestrantes trataram das lutas do movimento estudantil (REUNI, PIBID, PEC 241) e da necessidade da sua rearticulação, além de uma análise sobre como o neoliberalismo tem influenciado a área desde a década de 1990 até os dias atuais.

Ao final de cada fala, o público presente - formado por 24 estudantes universitários dos cursos de Administração, Ciências Sociais, Comunicação Social, Direito, Economia, Engenharia da Computação, Engenharia Florestal, Filosofia, Geografia, História, Pedagogia, Química e Química Industrial, além de dois membros do Instituto Federal de Maragogi (curso Hospedagem) - levantou questionamentos e fez comentários, além de assistirem ao vídeo produzido por componentes do projeto em que explicam sobre o surgimento do Ágora como projeto de extensão da Universidade Federal de Alagoas, descrevendo seus objetivos, sobre onde e como irá atuar e quais as perspectivas do mesmo.

Durante as discussões, o público também respondeu a uma enquete na qual puderam propor diversos temas para futuros encontros do Ágora, como: O aumento do pensamento de direita e sua opressão na universidade (no mesmo horário, um grupo de estudantes fazia um ato antifascista e se juntaram ao evento), Lei da escola livre, A cultura do machismo e estupro no Brasil, Vida pública, Segurança e repressão/perseguição em sala de aula, Atual conjuntura política nacional, As sociedades multiculturais e plurais (minorias), Extremismos ideológicos e seus males (tanto da direita como da esquerda), entre tantos outros.

Os ouvintes ainda propuseram ações políticas que a Comunidade Acadêmica deveria realizar, como conversas com os alunos sobre a repercussão das medidas do governo atual na Academia, aulas abertas, o papel da Universidade na sociedade civil alagoana em favor dos mais necessitados, mais encontros como o do Ágora, entre outros. Para celebrar o início das atividades, às 21h iniciou-se um Tributo a Dionísio, com músicas, saraus e poesia.

2º encontro do Ágora dentro da universidade

Tendo como tema “Nenhuma matéria a menos”, às 19h do dia 20 de janeiro de 2017 iniciou-se o 2º encontro do Ágora, desta vez no auditório do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes - ICHCA -, cuja mesa contou com as palestrantes professoras Ruslane Bião de Oliveira e Evelina Antunes Fernandes.

A profª Ruslane enunciou os prejuízos que os estudantes teriam com a ameaça das reformas de ensino propostas pelo governo atual. Para ela, tais reformas pretendem satisfazer a necessidade do mercado e manter a ordem de seus interesses e remontam à década de 90, quando houve o caso da mobilização nacional ao ostracismo, originada pela discussão do retorno da Sociologia e Filosofia ao currículo do ensino médio, traçando assim uma perspectiva histórica de como essas duas disciplinas vêm sendo atacadas ao longo do tempo. Ruslane citou que, com o ostracismo filosófico imposto desde a década de 90 até 2008, as licenciaturas em Filosofia tornaram-se tão escassas que fez-se necessário permitir aos

graduandos a emissão de diplomas certificados por outras orientações, como História e Pedagogia. Mencionou ainda o modelo tecnicista, o qual exclui Sociologia e Pedagogia sob a justificativa de que estas disciplinas representavam uma ameaça ao regime militar. “A atual reforma do ensino médio, com a MP 746 de 2016 aprovada no Congresso Nacional, põe fim às parcas conquistas em Filosofia, o que implica numa iminente ameaça de novamente ser banida”, afirmou. Ruslane disse ainda que, apesar das propagandas do governo prometerem uma reforma com avanços na tentativa de convencer a maioria da população de que tal medida irá promover o desenvolvimento do país, “na verdade os objetivos desta reforma são obscuros, já que as políticas públicas estão sempre a serviço de um mercado econômico e, com isso, se apropriam da educação como instrumento de personificação de seus interesses”. Em suas considerações finais, Ruslane afirmou que a medida provisória irá gerar desemprego, trazendo uma precarização da Filosofia e, assim, a impossibilidade da universidade sustentar um curso que não tem procura.

Já a Prof^a Evelina iniciou seu discurso enaltecendo que a saída mais imediata é a mobilização, tendo em vista o momento de confusão, do quanto a MP é cheia de problemas, além da incompetência do governo atual. Esclareceu ainda que não é professora de Sociologia, mas de Ciência Política, discorrendo que a disciplina de Sociologia no ensino médio carrega os conteúdos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, ou seja, as três áreas que compõem as Ciências Sociais. Em seguida, descreveu uma visão histórica do surgimento da Sociologia como matéria regulamentada, além de elucidações a respeito dos empecilhos e obstáculos da lei, das unidades estaduais não terem recursos para demitir todos os professores da área, além do problema de natureza política. Evelina mencionou ainda um problema central: o desconhecimento entre os sujeitos que compõem a unidade escolar, e que o principal prejuízo recairia na formação do professor.

Na sequência foi aberto bloco de perguntas, em que reafirmou-se que a melhor defesa contra as investidas da Medida Provisória seria uma mobilização, para então dar a possibilidade de uma desarticulação. O Professor Arthur Bispo, presente na plateia, comentou que não há como entender esse processo sem conhecimento, visto que disciplinas como Filosofia, Sociologia e Arte não tratam das questões modais e, conseqüentemente, ficam fora da lógica do capital. “São as disciplinas que precedem a burguesia e que falam de questões fundamentais da sociedade”, finalizou.

3º encontro do *Ágora* dentro da universidade

Às 18hrs do dia 25 de janeiro de 2017, no pátio do BSA2, se deu início o 3º encontro do *Ágora* dentro da Universidade, cuja mesa abordou o "Movimento Estudantil na UFAL - História e Atualidade". Luciano Gomes foi o mediador da mesa, o qual, antes de dar início às apresentações dos palestrantes, falou um pouco sobre o movimento estudantil, e então, passou a palavra à Écio melo, o qual, começou sua fala com um discurso sobre a sua história em seu curso, dentro da Universidade Federal de Alagoas. Elucidou, que, em decorrência do que o capitalismo prega, vivemos uma sociedade individualista, o qual diz que para se vencer na vida temos que ser individualistas, um exemplo disso seria o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), onde é preciso ultrapassar o outro. Para tal, usou dados estatísticos, nos quais constam que 6,1 milhões de pessoas participaram do ENEM em 2016, porém apenas 238.000 vagas foram ofertadas pelas universidades públicas. “com isso, fica evidente que a grande maioria do povo, principalmente os menos favorecidos, ficam de fora”.

Para ele, “o objetivo do movimento estudantil seria ,então, superar e fazer com que cada estudante também supere em sua consciência, essa questão do individualismo, pois, o que nos é dito como verdade, afirmando que só se pode progredir na vida de forma individual, é uma imensa mentira, pois, no capitalismo, nunca seria possível que pessoas oriundas de

instituições públicas conseguissem ingressar na universidade federal, já que, a própria UFAL é fruto de lutas na história”. Écio também ressaltou a importância de haver solidariedade entre os companheiros das instituições públicas, inclusive, mencionou um episódio ocorrido em seu período de graduação, onde se reuniu com outros estudantes para mobilizar a contratação de mais professores.

Na sequência, a palavra foi passada à discente Nélida Silva, que ressaltou a importância de se pensar um movimento estudantil não apartado da sociedade, que devemos entender que há contradições e que elas estarão presentes entre os diversos movimentos existentes, mas o quanto é importante a organização dos estudantes, o resgate das lutas, em conjunto com os trabalhadores, “pois ser estudante da universidade é apenas um momento, que não se resume apenas ao campus universitário”. Então, voltou seu discurso para a universidade, a respeito dos pilares da universidade: ensino, pesquisas e projetos de extensão. E, evidenciou, a importância de se pensar sobre o que estamos fazendo na instituição, do porquê escolhemos Filosofia, tendo em vista que “o que nos é vendido na universidade é que estamos nela para nos profissionalizarmos, termos um emprego, envolvendo-se no mercado de trabalho e assim fazer com que a máquina gire”. Nélida também questionou a respeito dos sistemas de seleção, se a competição seria algo justo e o quanto é importante a luta dentro da universidade, apesar de não se dever atuar apenas nela.

Já a estudante Priscila Laiz exaltou a liberdade e direito de voto dentro do C.A. (Centro Acadêmico de Filosofia) para todos estudantes regularmente matriculados no curso, já que “o C.A. é o espaço mais importante que o estudante tem dentro da universidade para o representar”. Destacou ainda o quanto a mulher vem requerendo seu espaço na Filosofia, ressaltando o acontecimento histórico de o curso atualmente contar com uma gestão do Centro Acadêmico composta por mulheres, além da própria coordenação do curso ser ocupada por uma mulher. Fez, também, um relato das mudanças na perspectivas de produção e do trabalho, resultantes do capitalismo, e novamente ressaltou o quanto é de extrema importância a organização dos alunos e a participação nas ocupações, e que os mesmos deveriam questionar-se mais a respeito da política no país, citando como exemplo a medida provisória imposta pelo governo, e que os mesmos devem resgatar os movimentos de resistência, pois “há uma falta de organização do movimento estudantil, dos estudantes de filosofia e do povo na deliberação das leis, devido a ausência de consciência política”.

Ágora fora dos muros da universidade

O projeto Ágora surgiu no final de 2015 como atividade extracurricular do Centro Acadêmico de Filosofia, um movimento interdisciplinar que tinha por objetivo a formação política e acadêmica dos estudantes, em que estes saíssem da rotina da sala de aula e despertassem para um olhar da sociedade. Posteriormente surgiu a ideia de institucionalizar o Ágora, processo que contou com as adesões dos professores Marcus José (à época coordenador do curso de Filosofia) e Virgínio Gouveia. Através de concorrência em Edital, o projeto ganhou a dimensão para além dos muros da universidade. “O Ágora visa atuar na perspectiva da construção de um processo reflexivo, de caráter amplo, nas comunidades e na universidade, tentando articular as demandas, os problemas, as necessidades, os temas de interesse dos grupos organizados tanto da universidade como fora dela, tentando de algum modo fomentar reflexões conceituais e filosóficas”, explica Marcus José. “Tem como objetivo fazer a interlocução entre a academia e as comunidades vizinhas à Universidade Federal de Alagoas. O papel da filosofia no projeto é mediar, conduzir as questões que a própria comunidade trará e sintetizar esses temas de modo a propor uma perspectiva reflexiva, filosófica, que vá para além das aparências”, complementa Virgínio Gouveia.

Para tanto, às 14h do dia 25 de Março de 2017, na Igreja São José no bairro Tabuleiro dos

Martins, deu-se início o 1º encontro do Ágora fora dos muros da universidade, tendo como tema "Gravidez na adolescência" e a Dr^a. em Antropologia e mestra em Sociologia Marina Rebeca como palestrante da tarde. Com a pergunta sobre "como ocorre gravidez na adolescência aqui?", Marina relatou dados estatísticos dos níveis de gravidez na adolescência e da realidade presente no nordeste. Depois iniciou uma dinâmica de reflexão antropológica com indagações, como "Somente a mulher deve se prevenir? O homem precisa de mais sexo que a mulher? Trocar fraldas é um dever só da mulher? Mulher deve apanhar? Deve aguentar apanhar pra manter a família? Meninos podem brincar de boneca? Mulher deve pedir permissão pra sair? Mulher só é mulher se tiver filho? Na hora "H" a mulher pode se recusar? O marido deve fazer afazeres de casa? Por que não tem pais aqui?".

Posteriormente, Marina discursou sobre quais os problemas que surgem com uma gravidez na adolescência, sendo um dos principais a dificuldade em dar continuidade nos estudos devido ao fardo maior no cuidado com os filhos, e continuou com perguntas como "o que é ser criança?". Explicou que a invenção da infância e escola são para protegê-las. Relatou que ao estudar o porquê dessas meninas engravidarem, constatou que a maioria dos casos envolvia algum tipo de violência e que, ao compartilhar suas vivências, a maioria delas relata não ter tido infância. Também elucidou a importância de refletir sobre o preconceito que se têm com o porquê dessas jovens terem engravidado, do dever de se pensar no acolhimento por partes dos familiares para com essas jovens. Perguntou ainda para as mulheres ali presentes quais delas havia engravidado com menos de 18 anos, e afirmou que a responsabilidade é também dos pais, que é de extrema importância se pensar em medidas de um projeto de vida e dessa lógica que diz que só as mulheres têm responsabilidade sobre os filhos. Por fim, a palestrante passou a palavra às mulheres da comunidade para que relatassem depoimentos de suas experiências como mãe e o que enfrentaram.

2º encontro Ágora fora dos muros da universidade

Em 25 de março de 2017, às 18h, o Ágora realizou o 2º encontro fora dos muros da universidade, na Igreja São José no bairro Tabuleiro dos Martins. Tendo como tema "Os desafios éticos para a juventude brasileira", o evento contou com os discentes Denis Ricardo, Luciano Gomes, Islânio Santiago e Nailton Fernandes como palestrantes da noite.

Entre os temas abordados, Luciano Gomes fez uma introdução sobre a ética e suas tradicionais definições e concluiu enunciando quatro sentenças: Conhecer a si mesmo, Amar o próximo com a si mesmo, Repetição e Amor fate (dizer sim à vida a ponto de não mais desejar outra coisa a não ser a si mesma). Comentou ainda sobre a dualidade de muitos católicos e sobre a consciência moral em Tomás de Aquino, concluindo que o maior desafio ético é desatar o nó do ressentimento.

Denis Ricardo promoveu uma dinâmica em que os jovens presentes puderam expor o que não consideravam bom fazer, como o bullying, as drogas e a companhia de más influências. Denis definiu filosoficamente a ética como o "campo de reflexão acerca das minhas ações com o outro", indagando aos jovens sobre o porquê deles escolherem esses temas como não éticos, de modo a refletirem a respeito, concluindo que ética é uma reflexão constante das nossas ações com o outro.

Já Islânio Santiago descreveu o papel do cristão na Cultura, afirmando que por trás de toda ética e moral há o valor subjetivo que se forma pela ação que tende a uma finalidade que implica meios - "para escolher o melhor meio precisa-se de um juízo valorativo que é guiado pelo conhecimento". Afirmou ainda que "a ética é o tribunal da ação, pessoas têm valores, crenças e convicções distintas" e questionou os jovens sobre qual seria também o papel do cristão na sociedade. Por fim, concluiu descreveu os desafios éticos para o cristão: os valores

que fundam sua fé, entender e manter-se firme em uma sociedade relativa com verdades distintas.

Nailton Fernandes fez uma breve relação da palavra ética e relatou hábitos de bullying reproduzidos na escola. Para ele, falar de ética é falar sobre agir racionalmente no que diz respeito a valores, explicando que esses são reproduzidos na sociedade ao utilizar o exemplo de quando encontramos R\$ 100 na rua e, ao devolver ao respectivo dono, somos criticados pelos demais - chamados de “estúpido”, entre outros xingamentos - e, por conta disso, muitas vezes subvertemos os valores. Concluiu que a Filosofia caracteriza-se por agir de maneira crítica.

3º encontro Ágora fora dos muros da universidade

Às 15h47 do dia 06 de Abril de 2017, na Escola Estadual Onélia Campelo, localizada no bairro de Santos Dumont, iniciou-se o 3º encontro do Ágora fora dos muros da universidade, tendo como tema "Preservação do patrimônio público" e a Dr^a. e mestra em educação Greciene Lopes dos Santos Maciel como palestrante da tarde. Iniciada pelas perguntas aos estudantes sobre o que é patrimônio público e o que eles entendiam por patrimônio, as respostas foram diversas. A partir delas, Greciene começou a tratar da política do patrimônio brasileiro e seus vários tipos, como a escola. De quem é esse patrimônio? Quem deve cuidar? “Nós”, responderam os estudantes.

Em seguida, falou sobre a hierarquia do patrimônio brasileiro, citando um dos maiores deles, o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional -, o quem cuida de todo patrimônio cultural. Então, Greciene passou a explicar o que é patrimônio cultural, que ele é dividido em material e imaterial: o material são as cidades históricas e cidades tombadas, afirmou. Deu exemplos de patrimônios materiais desse tipo e os mostrou em slides, entre eles as cidades de Piranhas, Penedo e Marechal Deodoro, enquanto que os imateriais foram exemplificados pela dança guerreiro, o São João, a religião, o modo de viver de uma comunidade e a capoeira, que é considerado patrimônio cultural do mundo. Deu ainda exemplos de patrimônios vivos em Alagoas, como a dona Irineia, seu Nelson narrabeta e as benzedadeiras. Também mostrou imagens de sua viagem às reservas indígenas em Pariconha e sua visita à Viçosa para conhecer mais sobre a história de Zumbi, além de um trabalho arqueológico feito em um convento na cidade de Penedo.

Greciene discursou ainda sobre a falta de conhecimento dos valores dos patrimônios do nosso estado, o quanto é importante estudar a nossa história para aprender com os erros do passado e não repeti-los e assim, compreender a cidade que usamos. Para ela, tal compreensão passa por ver a escola e a cidade como uma extensão da nossa casa, para assim termos uma noção de patrimônio e de cidadania. “Patrimônio também é identidade”, afirmou. “Somos nós quem decidimos o que é patrimônio e quais os seus valores”, finalizou, doando cinco livros à biblioteca da escola e fazendo um convite para irem ao IPHAN.